



Ao longo de todo ano de 2023, na EMEI Nelson Mandela, situada na Zona Norte de São Paulo, vivenciamos com as crianças, educadoras e comunidade um trabalho coletivo intitulado: “*Na luta é que a gente se encontra*”¹. Cada turma da escola recebeu o nome de uma figura de inspiração que com sua vida e história contribuiu para alguma frente de luta pelos direitos humanos: Jobana Moya, Laíssa Guerreira, Wangari Maathai, Carolina Maria de Jesus, Malala, Marta Vieira da Silva e Ailton Krenak.

Conhecemos a favela do Canindé, onde Carolina Maria de Jesus escreveu grande parte de sua obra, denunciando a desigualdade social e racial. Visitamos estádios de futebol onde Marta revelou seu talento e levantou a bandeira pela igualdade de gênero no esporte. Conhecemos a luta de Laíssa Guerreira pelo direito das pessoas com deficiência no Brasil e a luta de Malala pelo direito das crianças à escola e à educação. Jobana Moya nos convidou a conhecer o mapa-múndi e o direito de todas as pessoas à migração. Investigamos sobre as agroflorestas, aquelas que Wangari Maathai lutou para reflorestar no Quênia e que Ailton Krenak luta para proteger junto à garantia dos direitos dos povos indígenas no Brasil.

¹ Nome inspirado no samba enredo de 2019 da escola de Samba Mangueira, intitulado “História para ninar gente grande”.



Nesse caminho, experimentamos reflorestar nossos conhecimentos, nossos corpos, nossas relações e nossa escola. Nessa luta, nos encontramos. Encontramos também a esperança, o afeto, a natureza e o direito de todas as pessoas à vida e à dignidade. Esse trabalho fez emergir nas turmas tematizações de diferentes práticas corporais. No presente relato, contaremos sobre o futebol da turma Marta Vieira, a bocha e o ballet da turma Laíssa Guerreira, as danças da turma Wangari Maathai e as brincadeiras da turma Malala.



Tudo começou quando nossa turma ganhou da Família Abayomi² uma cesta com uma bola de futebol, um apito, uma camiseta da seleção brasileira e um batom vermelho. As crianças foram convidadas a tentar descobrir quem seria a figura de inspiração que daria nome ao nosso grupo a partir daquelas pistas recebidas. Muitas hipóteses foram levantadas, dentre elas, que poderia ser uma mulher por conta do batom vermelho e que deveria ser o Neymar, pois mulheres não sabem jogar futebol. Além dessas pistas também havia no cesto um livro chamado *Narrativas Negras: biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras*, concebido pelo Coletivo Narrativas Negras. As crianças encontraram no livro páginas dedicadas à Marta Vieira da Silva e logo descobriram que ela seria a figura de inspiração da turma.



² Bonecos em tamanho real nomeados no Projeto Político Pedagógico da escola de “figuras de afeto”. Um recurso pedagógico que traz ludicidade para as situações didáticas.

No livro, lemos sobre a infância de Marta no interior de Alagoas, sua adolescência no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Então, pesquisamos imagens que ilustrassem as informações para confeccionar painéis ilustrativos e assim dar início aos registros da história dessa importante mulher.

Nas semanas seguintes, bastante inspirada pela pesquisa, a turma Marta também começou a jogar muita bola nos momentos de quadra e gramado. As partidas nos levaram a sentir necessidade de conhecer mais sobre as regras do futebol, o que nos levou a assistir jogos da seleção feminina, a fim de analisar lances, movimentações de jogo, passes e posicionamentos. Também conhecemos outras modalidades do esporte, como o futebol para cegos e futsal.



No clima da Copa do Mundo feminina que se aproximava, conhecemos todas as jogadoras convocadas para seleção brasileira e produzimos cartões sobre elas. Durante o processo, aprendemos o nome de cada uma, a posição em que jogam na seleção e o time do qual fazem parte.



Inspiradas na seleção feminina de futebol, convidamos as outras turmas da escola para participar de jogos amistosos na escola. As turmas Carolina Maria de Jesus e Jobana Moya foram as primeiras convidadas. Conforme conheciam mais sobre o futebol, as crianças passaram a ocupar outras posições no jogo, como torcida, bandeirinhas e árbitros/as e a identificar

quando ocorria uma falta e quando deveriam organizar uma barreira, por exemplo.

Para convidar toda a comunidade da escola para acompanhar e torcer pela seleção feminina durante os jogos da Copa do Mundo, produzimos um videoclipe³ que teve como trilha sonora a música “Jogadeira” de Cacau Fernandes, que aborda em sua letra os preconceitos e dificuldades que as mulheres enfrentam para conseguir espaço no mundo do futebol e as lutas que vêm travando para “driblar” esse cenário.

Também realizamos uma visita ao Museu do Futebol, ocasião em que as crianças puderam interagir e observar diversas instalações que retratam a história desse esporte no Brasil. Fotografias de jogadores e jogadoras marcantes, bolas, camisas, chuteiras, jogos de futebol de botão, mini craques, pebolim e até uma exposição temporária com brinquedos variados com a temática do futebol, fizeram parte das nossas experiências nesse dia. E como não poderia ser diferente, reconhecemos Marta e Nelson Mandela dentre as instalações da exposição! A visita ao museu fez emergir na escola diversas partidas de pebolim e futebol de botão, que passaram a fazer parte do acervo de jogos da turma.

³ Videoclipe produzido pelas turmas Marta disponível em: [EMEI NELSON MANDELA](https://www.youtube.com/watch?v=EMEI_NELSON_MANDELA)



Amanda, mãe de uma criança de outra turma da escola, nos procurou dizendo que quando era mais nova jogava futebol nas categorias de base e atualmente fazia parte de um grupo de WhatsApp de ex-atletas que tinham contato com a Marta. Ela sugeriu que gravássemos um vídeo contando sobre as nossas investigações sobre o futebol para que ela enviasse nesse grupo e chegasse até a Marta. Rapidamente nos organizamos para editar o vídeo⁴ e enviamos para Amanda.



⁴ Vídeo que produzimos para enviar para Marta:
https://www.instagram.com/reel/C0eqRj2O4_S/?igsh=cm5yanc1bTEyaHl2



Alguns dias depois, a emoção tomou nossos corpos que pularam de alegria: Marta havia nos respondido!⁵



As primeiras propostas da nossa turma foram relacionadas à aproximação afetiva com Laíssa Guerreira. Levantamos hipóteses e questões de interesse das crianças em relação à sua vida e realizamos pesquisas na internet para tentar reunir essas informações. No meio dessas buscas, conseguimos o seu contato por meio do Instagram e ela prontamente começou a trocar vídeos com a turma respondendo às dúvidas e curiosidades que as crianças apresentavam. Durante as

⁵ Vídeo com a resposta de Marta: [EMEI NELSON MANDELA](#)

pesquisas, descobrimos que ela é integrante da seleção paralímpica de bocha e que já participou de diversas competições. A partir daí, surgiu o interesse por essa modalidade esportiva e após pesquisarmos e entendermos quais eram as regras e objetivos, experimentamos o jogo.

Escolhemos a quadra e utilizamos fitas de cetim para delimitar o espaço destinado para a cancha (nome dado para a pista de bocha). Percebemos que o desnível do piso fez com que o jogo não acontecesse da maneira que planejamos. Decidimos, então, jogar no gramado e no parque, lugares onde realizamos várias partidas.



Os jogos nos levaram a assistir diversas partidas de bocha, em especial, muitos vídeos de Laíssa Guerreira em campeonatos. Utilizamos tablets para pesquisar outras modalidades paraolímpicas, conhecer atletas, artistas, músicos e cantores com deficiência e, afetados por tudo o que descobrimos, fizemos anotações e desenhos. Esses momentos foram oportunos para que pudéssemos conversar sobre uma das crianças do grupo que tinha uma deficiência física, o que gerava muita curiosidade na turma, que ao perceber que ela tinha nascido sem um braço, questionava se esse braço ia crescer um dia ou ficaria “assim pequeno” para sempre. As dúvidas das crianças nos fizeram pensar como muitas vezes são produzidos discursos sobre as deficiências como algo a ser superado, como se deficiência fosse sinônimo de doença. Desse modo, espera-se

que o braço cresça ou que a pessoa que usa cadeira de rodas passe a andar um dia, pois o que se idealiza é a produção de um sujeito “normal”.

Nessa lógica, a pessoa com deficiência deve se adaptar ao ambiente em que convive, sendo que na verdade são as barreiras arquitetônicas, atitudinais, metodológicas, instrumentais e comunicacionais que devem ser eliminadas para que todas as pessoas possam viver e conviver em todos os espaços. Tivemos diversas oportunidades de dialogar com as crianças e explicar que algumas pessoas nascem com deficiências que as acompanham por toda vida, mas que isso não é impeditivo de que brinquem, convivam, ocupem espaços, pratiquem esportes e tenham o direito a escolherem a vida que queiram levar.



Assistimos também o primeiro episódio da série “Viver é raro”⁶ da plataforma Globo Play que narra a história de vida de diversas pessoas com doenças raras, dentre elas, Laíssa, que tem AME (Atrofia Medular Espinhal), uma doença degenerativa que afeta os movimentos do seu corpo. Dentre as várias cenas da série, em uma delas, observamos Laíssa com apenas 12 anos fazendo uma fala em uma plenária em Brasília defendendo a não suspensão do financiamento público de um medicamento de alto custo que faz toda a diferença no tratamento das pessoas com AME no Brasil.

Laíssa nos fez uma surpresa. Enviou para cada criança da escola um livro infantil chamado “Zac no Parque”, escrito pela comunidade com AME com o objetivo de ampliar a conscientização

⁶ Disponível em: [Viver é Raro: assista agora! \(globo.com\)](https://globo.com/viver-e-raro). Acesso em: 27 de setembro de 2024.

sobre a doença. Realizamos leituras compartilhadas do livro, que passou a fazer parte do acervo da nossa escola e das nossas casas. Decidimos mandar uma carta para a casa de Laíssa, que mora na Paraíba, presenteando-a com desenhos feitos pelas crianças como forma de agradecimento pelos livros e carinho recebidos.



Na série que assistimos, além de apresentar sua rotina diária de treinos no centro paralímpico, seu dia a dia na escola, sua família e sua história de luta por direitos para as pessoas com AME, Laíssa também conta que é bailarina e são mostradas diversas cenas dela se apresentando em palcos e fazendo aulas de ballet. As crianças ficaram muito entusiasmadas quando descobriram essa informação e começaram a fazer diversas perguntas sobre essa dança, prática corporal que passamos a tematizar a partir desse momento.

Após pesquisarmos e conhecermos outras referências de bailarinas e bailarinos como Vitória Bueno, Ruan Galdino e Ingrid Silva e apreciarmos trechos de danças, as crianças foram conhecer uma escola de ballet situada no território. Durante a visita, fomos recebidas com muito carinho pelas professoras da escola que nos mostraram os tipos de sapatilhas e figurinos usados pelas bailarinas e bailarinos. Fizeram uma apresentação de sapateado, nos mostraram alguns passos de jazz e nos convidaram para dançar.



No final do segundo semestre, a turma Laíssa Guerreira organizou uma troca de saberes com as outras turmas da escola para relatar o que mais havia lhes afetado na tematização realizada ao longo do ano. Prepararam várias estações simultâneas em que as crianças puderam se inscrever e participar: roda de leitura do livro *Zac no parque*; dançar ballet com a presença do bailarino profissional Allyson Amaral e de Vanessa Franco, que fez ballet em cadeira de rodas quando estava na educação básica; jogo de bocha e roda de leitura do livro *A bailarina que pintava suas sapatilhas*, de Ingrid Silva.



Além de compartilhar saberes com as amigas e amigos, a turma também produziu panfletos com as principais informações sobre Laíssa Guerreira e práticas corporais paraolímpicas para serem distribuídos para as pessoas que passavam no entorno da escola, contando o que aprenderam, compartilhando suas experiências e convidando-as a conhecer mais sobre o tema.

E quando menos esperávamos, fomos surpreendidas com uma notícia incrível: Laíssa estava em São Paulo e queria nos visitar⁷! No dia 8 de novembro, Laíssa e sua mãe Edna passaram uma tarde inteira conosco. Durante as horas que estivemos juntas, conversamos bastante, entregamos os presentes confeccionados especialmente para ela, tomamos lanche e como não poderia ser diferente, jogamos muita bocha!

Parte desse percurso aqui narrado foi contado na série “Boas práticas escolares”⁸ da TV Cultura, programa que semanalmente divulga práticas pedagógicas inspiradoras que acontecem em escolas públicas brasileiras.



Desde o início do ano, era bastante perceptível entre as crianças da turma Wangari Maathai a presença da dança nas conversas, interações e espaços da escola. Muitas delas diziam que assistiam dancinhas no aplicativo TikTok, nos mostrando os passos que sabiam fazer. Ao mesmo tempo que acontecia esse movimento, havia duas crianças da turma que tinham uma grande aproximação com o artista Michael Jackson, cantavam suas músicas e pediam para escutá-las,

⁷ Vídeo da visita de Laíssa na EMEI Nelson Mandela: [EMEI NELSON MANDELA](#)

⁸ Vídeo [Boas Práticas Escolares](#). O projeto da turma Laíssa Guerreira pode ser assistido a partir do minuto 40.

reproduzindo as marcantes coreografias dos seus clipes. Essas cenas nos fizeram escolher a dança como prática corporal a ser tematizada na turma.



Fizemos uma conversa em que as crianças puderam compartilhar o que era dança para elas, quais experiências tiveram com a prática e quais ritmos conheciam. Disseram que dança era para dançar e mexer o corpo, trouxeram como referência as letras de música que conheciam e quando não sabiam atrelá-las ao gênero, diziam: “tem a música da Carolina” (que as pessoas dançam forró) ou “eu danço a música do Michael Jackson” e ainda “tem a dancinha da Vandinha” (série disponível na Netflix).

Criamos uma playlist com músicas sugeridas pelas crianças e outras pertencentes a outros gêneros. Convidamos a turma a ouvir as músicas, perceber que efeitos elas produzem em nossos corpos e como eles se movem a partir do que escutamos. Dançamos muito ao som de músicas clássicas, forró, rap, funk, músicas infantis, black music e samba. Parte da turma preferiu apenas observar, outras crianças cantaram as letras que conheciam e outras, ainda, correram pelo espaço gritando e pulando.

A partir da nossa percepção que poucas crianças sabiam nomear as danças que estávamos experimentando, decidimos que seria importante conhecer mais sobre algumas delas e saber reconhecer as características que as circundam. Começamos pelo ballet. Assistimos alguns vídeos de bailarinas e bailarinos em diversos contextos, tempos e espaços e as crianças ficaram curiosas para entender de qual material era feita a sapatilha de ponta das bailarinas, levantando muitas hipóteses como “é de lata”, “é de pano”, “é de papelão”. Realizamos a leitura do livro de Ingrid

Silva, *A menina que pintava suas sapatilhas*, emprestado pela turma Laíssa Guerreira e percebemos que além das sapatilhas de ponta serem de gesso, hoje em dia é possível comprá-las a partir do tom de pele de cada pessoa, fato que não era possível há alguns anos atrás. Atrelamos essa discussão às pesquisas sobre tons de pele, melanina e ao painel de autorretratos que estávamos montando na sala em outros momentos. Utilizamos o espaço da sala de referência para fazer dançar ballet e compartilhamos com as crianças as nossas experiências com a prática, pois nós duas havíamos feito aulas de ballet na infância e na adolescência. Enquanto fazíamos *pliés*, piruetas e *pas de deux*, pudemos observar que meninos e meninas experimentaram diversos papéis enquanto dançavam.



Depois do ballet, partimos para o forró. Novamente as crianças trouxeram a música *Carolina* e as dancinhas do TikTok como referência sobre a gestualidade da dança. Conversamos sobre o CTN (Centro de tradições nordestinas) próximo à escola, enquanto uma importante localidade de ocorrência do forró na região e muitas crianças o reconheceram das festas juninas e pelos “bonecos gigantes” que ficam em sua porta. Chamamos a atenção para o fato de que cada um desses bonecos estava segurando um instrumento que pode fazer parte das músicas de forró e algumas crianças reconheceram a sanfona e o triângulo e, posteriormente, descobrimos que o terceiro se chama zabumba. Apreciamos algumas imagens de pessoas dançando forró em outros

contextos para além do TikTok e montamos uma playlist de músicas para dançar com sugestões dadas por todos e todas.

Durante a dança, notamos que se formaram pares de meninos com meninas, meninos com meninos, meninas com meninas e também várias crianças decidiram dançar sozinhas, fazendo gestos de “arrocha” ou fazendo passos de “dois pra lá, dois pra cá” pelo espaço. Mais uma vez, algumas crianças apenas observaram batendo palmas e outras aproveitaram a música que ouviam para rolar pelo chão ou correr.



Após muito forrozear, criamos um painel para compor os contextos da nossa sala de referência com fotografias e desenhos feitos pelas crianças. Em um deles, elas retrataram o CTN com as bandeirinhas no teto, danças de forró ao centro, barracas ao redor e caixas de som.



Do forró, passamos para a black music. Assistimos clipes, ouvimos músicas e apreciamos imagens dos bailes black nos Estados Unidos e no Brasil, conhecendo artistas referência de cada país. Conversamos sobre o significado das palavras *black* e *music* e que *música preta* se refere a um grande grupo de gêneros musicais que emergiram ou foram influenciados pela cultura de descendentes africanos em diversos países no mundo e as crianças fizeram associações entre o que já sabiam sobre Nelson Mandela e Wangari Maathai, seus países de origem e suas histórias de vida e resistência.

Criamos, então, um baile black na turma Wangari e as crianças trouxeram para suas performances óculos, turbantes, luvas, chapéus, microfones e pedestais que encontraram ou criaram a partir dos objetos que viam na sala de referência, em suas mochilas ou na natureza da escola. Adentramos no samba rock e convidamos a educadora da limpeza Adriana para nos contar sua experiência com os bailes que frequentava em sua adolescência e para nos mostrar os passos que conhecia.





Como último ritmo musical, nos dedicamos às cirandas de roda. As crianças cantaram músicas infantis que conheciam e nessa conversa destacamos a música, o canto, a circularidade, as mãos dadas, os passos sincronizados e as cantigas como características possíveis das cirandas. Uma criança destacou que no acervo literário da nossa biblioteca circulante havia um livro chamado *Ciranda de aruanda* e realizamos a sua leitura para, segundo essa criança, “descobrir mais pistas sobre a ciranda”. Percebemos que o livro narra a história de vários Orixás, que na capa estavam retratados em roda. As crianças disseram que aquela “só podia ser uma ciranda dos Orixás” e “por isso que o livro deveria ter esse nome”. Apresentamos Lia de Itamaracá como a rainha da ciranda no Brasil, assistimos a um vídeo⁹ que conta a sua história e explicamos às crianças que em 2019 tínhamos na EMEI uma turma que se chamava Lia de Itamaracá e conhecemos algumas de suas músicas.

Convidamos a professora Solange para conduzir uma ciranda de roda no gramado, em que pudemos experimentar tocar alfaia e dançar de mãos dadas enquanto cantávamos uma das músicas de Lia de Itamaracá:

*Essa ciranda não é minha só
ela é de todos nós
ela é de todos nós
(Minha Ciranda - Lia de Itamaracá)*

⁹ Reportagem sobre Lia de Itamaracá: [Reportagem do Fantástico sobre Lia de Itamaracá exibida em 17/03/2019 \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)



A turma Malala começou o ano conhecendo a vida da sua figura de inspiração. Ao longo desse percurso, descobrimos brincadeiras em comum entre o Paquistão e o Brasil, o que fez despertar o desejo de conhecer diferentes brincadeiras, pautado na curiosidade das crianças sobre o tema e a relação com as brincadeiras de infância da Malala.

Ao acessarmos a biografia de Malala, descobrimos três brincadeiras da sua infância: pega-pega, amarelinha e críquete. Percebemos que a turma já conhecia o pega-pega e a amarelinha. Brincamos bastante dessas duas brincadeiras na quadra e em momentos no parque, e conversamos

sobre como elas acontecem nos lugares que frequentamos. As crianças fizeram muitos desenhos sobre elas, vimos um vídeo do *Território do Brincar*, que mostra algumas variações da amarelinha e outro das Olimpíadas de Rua das brincadeiras, que mostra o esconde-esconde. Após esses momentos, fizemos uma roda de conversa para elencar outras brincadeiras que conhecíamos para além dessas.

BRINCADEIRAS EM COMUM

PEGA PEGA





AMARELINHA




LISTA DE BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS:

PATO PATO GANSO	MORTO VIVO
BATATINHA FRITA 1 2 3	CHÃO É LAVA
VAMPIRO VAMPIRÃO	HOT WEELS
MOTOCICA	XUXA
PATINETE	FÉLIX DINOSSAURO
PASSA ANEL	UNICÓRNI COLORIDO
POLÍCIA E LADRÃO	HOMEM ARANHA
ESCONDE ESCONDE	ZIG ZAG
BATATA QUENTE	
PEGA GELO	
BRUXA BICHO	

A partir da lista, escolhemos algumas para conhecer mais profundamente, começando com a brincadeira *vampiro vampirão*. Reservamos momentos específicos para ela, mas era comum que a brincadeira se espalhasse entre os grupos no parque e no gramado. Em um determinado momento, as crianças disseram que o vampiro deveria ter uma capa e pegaram tecidos da sala de referência para fazê-la.

Na hora de planejarmos a brincadeira *Batatinha Frita 1,2,3* muita polêmica surgiu entre as crianças: “mas na brincadeira as crianças vão morrer? Mas pode brincar disso na escola? E se na nossa brincadeira não morrer? A arma pode ser de laser!”. Ficou perceptível que algumas crianças sabiam da série *Round 6* da *NetFlix*. Outras, conheciam apenas como uma brincadeira, sem saber que ela estava relacionada à série. Algumas diziam que para brincar “você só conta, vira, fica parado e aí depois morre”, “e pra matar pode ser com laser, ou pode só congelar”. Decidimos brincar do modo que as crianças tinham proposto e percebemos juntas que as regras da brincadeira da batatinha frita eram muito parecidas com vampiro vampirão. As crianças que em um primeiro momento acharam que aquela não era uma brincadeira adequada para o espaço da escola,

aceitaram as regras mais amenas de “congelamento com laser” e, desse modo, criaram juntas a sua própria maneira de brincar.

Também brincamos de motoca, patinete, morto vivo e pato ganso. Conversamos sobre a gestualidade própria de cada brincadeira e os locais para brincar na escola. Revimos e mudamos regras que não estavam dando certo na percepção das crianças e trocamos impressões a respeito das experiências do grupo.



Analisando a lista de brincadeiras que as crianças conheciam, sentimos necessidade de aumentar aquele repertório e propusemos algumas práticas africanas e afro-brasileiras. Perguntamos se nós, como professoras, também poderíamos sugerir uma brincadeira que conhecíamos para compor a nossa lista. As crianças prontamente falaram que sim e lhes apresentamos a brincadeira terra e mar. Explicamos que era uma brincadeira de Moçambique, um país do continente africano. Tínhamos na sala de referência um livro sobre as bandeiras dos países e elas me perguntaram qual era a bandeira de Moçambique. Uma criança sugeriu refazer a nossa lista de brincadeiras, colocando ao lado do nome de cada uma, uma fotografia da turma brincando e a bandeira correspondente ao seu país de origem. Assim fizemos e a lista ficou fixada na parede da sala de referência.



Recebemos para um momento formativo com as/os educadoras/es da escola, Sheila Perina, autora do livro *As brincadeiras Africanas de Weza*. Após a formação, contei para Sheila que as crianças estavam tematizando brincadeiras e perguntei se ela poderia gravar um vídeo enviando o livro de presente para a turma Malala, com o objetivo de aprofundar as nossas pesquisas e vivências. Sheila aceitou o convite. Posteriormente, as crianças assistiram ao vídeo encaminhado e começamos a conhecer a história da menina Weza, que viaja para vários países do continente africano para conhecer brincadeiras das crianças dessas localidades.



Com a chegada do livro, conhecemos e vivenciamos as brincadeiras da garrafinha e mamba. Nesta, o objetivo é a cobra pegadora aumentar seu rabo até não sobrar mais nenhuma criança. No início havia apenas uma cobra pegadora e, conforme brincavam, uma criança veio até mim e perguntou: “Pode ter mais mamba? Tá muito difícil de pegar”, propondo, então, que outras crianças virassem cobras. A sua ideia foi aceita pelas colegas que mudaram a forma de brincar. Ao final, criaram quatro cobras pegadoras. Na sala, as crianças consultavam o cartaz constantemente enquanto relembravam cada brincadeira. Ao chegar na mamba, uma delas disse: “Mamba é a cobra lá do Nelson Mandela na África do Sul. A nossa tem mais mamba”, fazendo referência à brincadeira que tinham recriado.

Após descobrirem que Wangari Maathai também era havia nascido no continente africano, as crianças decidiram perguntar para essa turma se havia alguma brincadeira queniana que elas conheciam. As crianças apresentaram então a brincadeira nyama nyama, que brincamos junto com a turma Wangari após experimentarmos uma “viagem ao Quênia”.



Depois de brincar e conhecer todas essas brincadeiras, as crianças chamaram a atenção para o fato de ainda faltar aquela terceira brincadeira da infância de Malala: o críquete. Pesquisando sobre o assunto, entendemos que o críquete era um esporte de origem inglesa. Mas, então, como era possível que Malala brincasse de críquete no Paquistão? Descobrimos que o Paquistão tinha sido colonizado pelos ingleses e uma criança disse que devia ser por isso que a Malala falava inglês. Soubemos, também, que as regras desse esporte eram muito complexas, difíceis de entender, com muitas variações e que as partidas podem durar muitas horas. Assistindo alguns vídeos, vimos que para jogar críquete era necessário bola, tacos e casinhas. Começamos a pensar como produzir esses materiais, já que não havia na escola. Decidimos que as bolas seriam de meia, construímos os tacos com madeiras cortadas por um prestador de serviço, os revestimos de camadas de cola e água e montamos a casinha com pedaços de madeira.

Tentamos jogar no gramado, mas percebemos que era difícil da casinha ficar de pé. Suspeitamos que a quadra seria um lugar mais adequado para o jogo. Jogamos muitas e muitas vezes, testamos as variações de regras que encontramos, alternamos quem arremessaria a bola, quem iria segurar o taco e revezamos as funções dentro do jogo.



Durante toda a tematização, tivemos a presença e contribuições do estagiário Alberto, da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo. Ao final do curso, Alberto teria que apresentar um relato de estágio e me convidou para estar presente nesse dia. Propus levarmos algumas crianças conosco, para que pudessem falar da experiência a partir do olhar delas. Foi um

momento muito especial observar crianças de 4 e 5 anos ocupando a universidade e podendo compartilhar saberes com estudantes da graduação.

